

O que

Número 5
27 de julho
de 2021

Sentir tudo de todas as maneiras: o bem comum

O bem comum será então a possibilidade de viver e con-viver em comunidade e em paz com a diferença, com o outro diferente de nós, o que obviamente exige que sejamos capazes de mudar.

Braga do coração

Fomos conhecer a Braga do coração de Rui Madeira, ator e diretor artístico da Companhia de Teatro de Braga, a companhia residente do Teatro Circo.

 **Braga'27
Capital Europeia
da Cultura**
Cidade Candidata

é o bem

Que pergunta difícil esta que guardámos para a quinta edição do nosso jornal. O que é o bem comum? Na Braga'27, a candidatura de Braga a Capital Europeia da Cultura 2027, queremos saber como responderias a esta e a outras perguntas e, por isso, escrevemos-te todos os meses este jornal, um objeto cheio de questões várias e outros tantos desafios.

Um jornal que fala? Para o bem do bem comum felizmente os jornais falam. Tal como eu, falam não apenas para si próprios, mas com a missão de chegar a mais pessoas. No meu caso trago-te perguntas e desafios para pensarmos em conjunto. Encontra-os ao longo destas páginas.

Olhemos então para a expressão bem comum e façamos o exercício de a cortar em duas, como fazemos a uma laranja para retirar o sumo. Podemos dizer que bem comum é o bem que temos em comum. Ainda mais simples: o bem comum pode ser aquilo que, não pertencendo a ninguém, pertence a todos. Para tornar tudo mais claro passemos a exemplos concretos: o sol é um bem comum? A água que corre no rio? A grande praça do centro da cidade ou a rua que passa mesmo em frente a tua casa? Agora pensemos naquilo que não é visível. O que fazemos individualmente tem implicações no que é comum a todos? Vivemos em sociedade, por isso podemos deduzir que o nosso comportamento tem influência na forma como a nossa sociedade se comporta. Poderá o bem comum ser também a soma de toda e qualquer ação individual? Ui, então isto significa que eu sou responsável pelo bem comum. Tu és responsável pelo bem comum. Nós somos responsáveis pelo bem comum. Realmente esta pergunta é difícil e, tal como a ideia de bem comum, só se responde a muitas vozes. O melhor é pensarmos nisto em conjunto.

comum? ?

**100 anos de relações
diplomáticas entre
Portugal e a Letónia**

Sabias que em fevereiro deste ano, Portugal e Letónia celebraram 100 anos das suas relações diplomáticas? Ainda hoje, os dois países partilham um conjunto de prioridades, que vão desde a luta contra as alterações climáticas à promoção de um modelo de Europa Social baseado na solidariedade e na convergência.

Capital Europeia da Cultura 2027

Uma Europa comum

Uma Capital Europeia da Cultura é um projeto de todos para todos, que se faz sobretudo do capital humano da cidade. É um projeto unificador, que encontra na cultura um dos pilares do bem comum. Ao pensarmos juntos sobre a cidade que gostaríamos de ter em 2027, estamos a caminhar no sentido de a tornar uma realidade.

O que é a Capital Europeia da Cultura?

A Capital Europeia da Cultura é uma ação da União Europeia (UE), que pretende valorizar a riqueza e diversidade cultural da Europa, sem esquecer os valores que os diferentes territórios têm em comum. Desta forma, esta iniciativa, que conta já com 35 anos de existência, contribui para um maior conhecimento mútuo dos cidadãos europeus.

O título de Capital Europeia da Cultura é atribuído anualmente pela Comissão Europeia a duas cidades da Europa de dois países diferentes. De três em três anos, o título é também atribuído a uma terceira cidade europeia que não faz parte da UE.

Durante o período em que são Capital Europeia da Cultura, as cidades desenvolvem uma intensa programação cultural que traz uma nova dinâmica e energia criativa ao território e região onde estão inseridas. Mas o objetivo é ir mais além. Pretende-se que as estruturas e capacidades criadas no âmbito desta iniciativa sejam utilizadas como base para uma estratégia de desenvolvimento cultural sustentável, garantindo efeitos a longo prazo e para lá do ano do título.

Portugal, que já acolheu três Capitais Europeias da Cultura, prepara-se agora para receber novamente este título em 2027, juntamente com uma cidade da Letónia.

Que cidade portuguesa vai receber o título?

Até este momento, onze cidades portuguesas anunciaram publicamente que são oficialmente candidatas a receber o título de Capital Europeia da Cultura: Braga, Aveiro, Coimbra, Évora, Faro, Funchal, Guarda, Leiria, Oeiras, Ponta Delgada e Viana do Castelo. Estas onze cidades estão a preparar o seu dossier de candidatura, que deverá ser entregue até dia 23 de novembro. Após a entrega do dossier, segue-se a fase de pré-seleção, na qual um painel internacional se reúne para analisar as propostas e selecionar a lista de cidades que serão convidadas a dar continuidade ao processo. Não existe um número mínimo nem máximo de cidades que passam esta pré-seleção. No caso da Letónia, o outro país que também irá receber a Capital Europeia da Cultura em 2027, foram quatro as cidades selecionadas: Valmiera, Liepāja, Daugavpils e Jūrmala.

O anúncio da seleção das cidades portuguesas que passam à próxima fase só será feito no início de 2022, após a análise dos dossiers de candidatura. As cidades que passarem esta pré-seleção terão oportunidade de reformular o dossier, de acordo com o feedback do júri e respondendo a novas questões, que pretendem aprofundar ainda mais as propostas das cidades candidatas.

No início de 2023, após o júri voltar a reunir-se para analisar os dossiers finais, será feito o anúncio da cidade que receberá o título de Capital Europeia da Cultura 2027.

O que estamos a fazer?

A par da escrita do dossier de candidatura, estamos a trabalhar no programa de auscultação “Vamos falar”, do qual faz parte este jornal, de forma a envolver toda a comunidade bracarense neste processo. No âmbito deste programa, implementamos um projeto inserido na iniciativa “Cultura para Todos”, dirigido a pessoas de comunidades mais afastadas dos processos de participação cívica, designadamente grupos excluídos ou socialmente desfavorecidos como etnias, imigrantes, famílias e jovens em bairros sociais e grupos com deficiência. As atividades do projeto são concebidas de acordo com as especificidades dos seus diferentes públicos e territórios, tendo como objetivo pensar e debater criticamente a cultura e a cidade de Braga, sublinhando e consciencializando estes indivíduos em situação mais periférica para a importância do seu papel e responsabilidade social num projeto coletivo de cidade e à escala europeia. Para além desta habilitação para o exercício de uma cidadania ativa, também estamos a trabalhar com estas comunidades num processo criativo, que envolve música, teatro e psicologia. O projeto terá uma componente performativa, que será apresentada no final do ano.

O que nos guia no projeto Cultura para Todos?

O ar. O ar enquanto bem comum. O elemento que, tal como o sol, não pertencendo a ninguém, pertence a todos. O ar não conhece fronteiras, nem línguas, nem casas. Mas conhece-nos por dentro. Entra e sai dos nossos corpos a cada respiração. E nem imagina que é ele que nos mantém vivos. Neste processo criativo vamos explorar em conjunto a composição do ar e o facto de este ser um denominador comum e essencial a cada ser vivo da Terra. Para isso, levamos connosco alguns textos que nos orientam neste caminho.

“Não admira que durante milénios o ar, que ninguém vê, fosse imaginado como um ser sobrenatural que penetrava no corpo dos homens e lhes concedia a vida. Um deus, portanto. Assim, foi considerado o ar como um deus muito temido, umas vezes protetor, quando se deixava aspirar em haustos reconfortantes, outras vezes terrível, quando bramia, soprava, assobiava, fazia estremecer as robustas árvores e as arrancava do solo, tombando-as. Um deus que merecia toda a veneração e respeito.”
—Rómulo de Carvalho,
a Composição do Ar, 1981

“O Vento existiu primeiro, como uma pessoa, e, quando a Terra começou a sua existência, o Vento tomou conta dela. É o Vento que nos dá a capacidade de falar. Já observamos que os quatro Ventos das direções cardeais são também chamados “quatro Palavras”. Dado que apenas falamos por meio da respiração, o próprio Vento – a respiração coletiva – é considerado como detendo o poder da linguagem: Só por meio do Vento é que falamos. Ele existe na ponta das nossas línguas. Então o Ar – em particular na sua capacidade de proporcionar consciência, pensamento e fala – tem propriedades que a civilização alfabética europeia atribui à “mente” ou “psique” interior individual do homem.

A identificação (...) da consciência com o ar (...) não é um poder imaterial que reside dentro de nós, mas antes o meio invisível, porém inteiramente palpável, em que estamos mergulhados. (...) a alma, ou a mente, mas também um sopro ou uma rajada de vento.”
—in A Magia do Sensível,
Composição do Ar

*Pensemos no bem comum...
Quem manda?*

Confias na democracia?

Leeuwarden 2018

Uma comunidade aberta à Cultura



Três anos depois, a CEC ainda contribui para o bem comum?
Falámos com Wytse Dijkstra, jovem artista e habitante de Leeuwarden, Holanda, sobre o impacto duradouro que o título de Capital Europeia da Cultura pode ter na comunidade.

Há quanto tempo vives em Leeuwarden?

Toda a minha vida.

Como vês Leeuwarden 2018, três anos depois?

Uma lacuna, um vazio, calma depois da tempestade. É um desafio conseguir manter o foco e a energia de um ano de Capital da Cultura. Talvez seja impossível. Mas talvez não seja assim tão mau. Em Leeuwarden, a organização de Leeuwarden 2018 fez um novo plano. Mais uma vez, para um período de dez anos. Com as trienais, Leeuwarden escolhe abraçar o fluxo natural de picos e vales no que diz respeito ao foco na cultura. E muita coisa mudou desde 2018. Leeuwarden investiu em infraestruturas e numa base mais sólida para jovens artistas.

*Pensem no bem comum...
A que é que pertencemos?*

Envia-nos a tua carta para o endereço da Braga'27. Não te esqueças de colocar o teu nome, idade, endereço postal e e-mail.

*Braga'27
Theatro Circo
Avenida da Liberdade 697
4710-251 Braga*

VIA AEREA
PAR AVION
BY AIR MAIL

Cinco coisas que mudavas no mundo?

1. Mais

2. Menos

4. Menos

3. Mais

5.

Uma cidade que ousou sonhar

Em 2018, as duas cidades que receberam o título de Capital Europeia da Cultura foram Valeta, em Malta, e Leeuwarden, na Holanda.

Localizada a 140 km de Amesterdão, Leeuwarden tem cerca de 100 mil habitantes e é a capital da província da Frísia, uma das três províncias do Norte dos Países Baixos. Esta província enfrenta vários desafios socioeconómicos, que são comuns a algumas zonas do interior de Portugal, como o envelhecimento e diminuição da população, e um fraco crescimento económico.

Durante os anos 80, a Frísia procurou na Cultura uma forma de contrariar estes indicadores negativos. Nessa década foram criados festivais que ainda hoje atraem milhares de espectadores. Já em 2018, com o título de Capital Europeia da Cultura, a Frísia pôde ambicionar benefícios socioeconómicos a uma escala maior. Leeuwarden 2018 colocou o foco nos seus próprios cidadãos, podendo ler-se no programa submetido à Comissão Europeia: “O nosso objetivo é focar na participação do cidadão em todos os eventos do nosso programa”. Ao longo desse ano, a cidade colocou em ação um calendário de programação rico e intenso, que contou com mais de 800 projetos, desdobrados por diversas áreas como a música e o teatro, mas também pintura, ópera e desporto. Definindo como objetivo central ampliar o entendimento sobre as diferenças culturais, a programação de Leeuwarden baseou-se no conceito de Iepen Mienskip (“Comunidade Aberta” na língua frísia), tendo como temas Dare to Dream (Ousa Sonhar), Dare to Act (Ousa Agir) e Dare to be Different (Ousa Ser Diferente).

A programação incluiu uma exposição no Fries Museum dedicada à trajetória da dançarina exótica Mata Hari, uma das filhas mais famosas da região. Mata Hari, que ficou conhecida como uma figura sedutora, envolvida nas intrigas de espionagem da Primeira Guerra Mundial, fez nome em França, mas era original da Frísia. Leeuwarden 2018 também aliou o aspeto mais rural da região com as artes, com poesia a ser transportada na habitual troca de sementes e de batatas que ocorre entre Leeuwarden e Valeta, as duas cidades que detiveram o título no mesmo ano. Dentro dos sacos de sementes que seguiam da capital da Frísia para Valeta, seguia também poesia holandesa. E nos sacos que transportavam as batatas já colhidas na ilha com destino a Leeuwarden, os poemas eram retribuídos em poesia de autores malteses.

O ano foi ainda marcado por grandes eventos, como a atuação da famosa companhia de marionetas gigantes *Royal de Luxe*, que teve a cidade como palco, e o épico evento teatral *Stormruiter*, com 120 cavalos frísios no centro das atenções, que esgotou a bilheteira durante um mês inteiro. Colocando o bem comum sempre no centro da sua ação, Leeuwarden 2018 enraizou na comunidade e no poder político a importância da cultura enquanto motor de transformação socioeconómica e força unificadora e dinamizadora de toda uma região.

O programa artístico da cidade procurou trocar ideias e experiências com a Europa, no domínio do futuro do seu património natural, da relação entre a cidade e o campo e do equilíbrio entre comunidade e diversidade. Há, assumidamente, uma crença no poder das comunidades. Em toda a Europa, somos inspirados por exemplos de comunidades que trabalham juntas para enriquecer a qualidade de vida coletiva. De que forma é que a Capital Europeia da Cultura contribuiu para o bem comum de Leeuwarden?

Uma das mais brilhantes memórias que tenho do programa da Capital da Cultura foram as marionetas gigantes da companhia *Royal de Luxe*. Esses gigantes juntaram mais de 400.000 pessoas (que é quatro vezes o número de habitantes de Leeuwarden). Na antecipação de 2018, muitas pessoas estavam cétricas em relação a todo o programa e iniciativa. Descartavam a importância da cultura. Mas depois, quando os gigantes percorreram as ruas de Leeuwarden, todos ficaram maravilhados e tudo passou a fazer sentido. Por isso, pode-se mesmo dizer que o programa na sua totalidade aproximou as pessoas de Leeuwarden e Friesland. Mesmo que tenha sido apenas por algum tempo.

O que gostavas de dizer a ti próprio em 2027? Escreve uma carta dirigida ao teu eu do futuro e devolve-a em 2027. Pode ser sobre o que quiseres: uma carta de amor, conselhos, receitas, recados, a tua cidade, o mundo ou até o ano de 2021. Prometo que não a leio.

Quais são as principais diferenças no antes e depois de 2018 na cidade?

Creio que a principal diferença é o número crescente de pessoas convictas da importância da cultura. Este é um fator importante para o município ter em consideração ao desenvolver, mesmo que lentamente, a sua visão e políticas em relação à cultura.

O conceito de Leeuwarden 2018 assentou na noção de Open Mienskip (comunidade aberta), promovendo a responsabilidade e a liberdade em simultâneo. Consciencializando os indivíduos sobre o seu poder para transformar os seus projetos no espírito de Mienskip colaborativo e aberto. Três anos depois o futuro continua em aberto?

Absolutamente. Houve tantas iniciativas desde 2018 em diante. Desde festivais de grande escala a pequenos jardins de bairro e tudo o que está no meio. Com o “Iepen Mienskip Fûns” (fundo comunitário aberto) a província e o município tornaram o mais acessível possível a atribuição de um orçamento para a criação de novas iniciativas pela comunidade. Eu espero mesmo que isso se mantenha.

Pensemos no bem comum... Somos todos livres?

Sentir tudo de todas as maneiras: o bem comum

Se há valor de que estamos falhos no excesso de tudo é o de comunidade. As comunidades, sobretudo as pequenas comunidades apreensíveis pelo sujeito individual, perderam-se em consequência da atomização a que fomos sujeitos no mundo contemporâneo, particularmente nas cidades, ao nível da habitação, da própria família, dos bairros, das coletividades, mas também nos meios rurais, resultado da desertificação e de diversas vagas de migrações e de emigrações, que criaram situações de rigoroso isolamento rural.

A par destas perdas, a noção de bem comum foi-se desgastando numa erosão que foi acompanhada – e ainda bem, valha-nos isso – por uma presença tutelar dos estados sociais, entretanto criados e sedimentados, que foram investindo cada vez mais no bem comum.

Cada cidadão, neste contexto de sociedades de abundância e excesso de consumo, nas quais domina o hedonismo, tende a reclamar direitos e a demitir-se dos deveres, nomeadamente das suas obrigações humanistas de solidariedade e de participação no bem comum.

Se esta mutação não for acompanhada, como não tem sido nos países sem tradição democrática sedimentada, como Portugal, de uma fortíssima educação para a cidadania e muito particularmente para o diálogo intercultural – educação a ser levada a cabo em espaços formais e sobretudo não formais, – corremos o risco de nos confrontarmos cada vez mais com cidadãos isolados, autocentrados, egoístas, mergulhados num vórtice doentivamente individualista.

A saúde mental dos cidadãos é escassa na sociedade do excesso exatamente porque nesta última se prescindiu do sentido do comum, da experiência da comunidade: da vizinhança, do bairro, da paróquia, da coletividade recreativa.

O homem é um ser gregário, que nunca se pode realizar em todo e qualquer campo sem o outro, o outro que está na proximidade, o outro em quem podemos tocar, cujo corpo na sua complexidade performativa identificamos para além de um qualquer universo virtual que nunca se pode cabalmente substituir ao contacto presencial. E não podemos prescindir do outro com o qual nos confrontamos, do qual diferimos, sobre o qual podemos exercer o nosso juízo crítico e que por seu turno nos torne objeto do seu próprio juízo crítico. Isto é, sem a liberdade: a possibilidade de sairmos da caixa fechada e bem selada em que estamos encerrados e de pensarmos autonomamente.

Só a partir dessa liberdade conquistada em função do diálogo de olhares e pontos de vista e da criação de comunidade é possível construir o bem comum. Não é seguramente esperando que as nossas opiniões quase sempre apenas virtualmente formuladas acumulem “likes”, provenientes de uma bolha fechada constituída pelos que são nossos iguais (nos gostos, nos interesses, nas convicções), que construiremos o bem comum.

O bem comum será então a possibilidade de viver e con-viver em comunidade e em paz com a diferença, com o outro diferente de nós, o que obviamente exige que sejamos capazes de mudar: de opinião, de ponto de vista, de perspectiva crítica em função do que o outro nos traz, nos mostra de novo.

A construção e a reconstrução nalguns casos do bem comum resultarão de nunca termos certezas absolutas, de reaprendermos o risco, de não vivermos obcecados com as ideias de segurança e de perfeição, no fundo de voltarmos a lidar com curiosidade intranquila com o desconhecido e com a incerteza, deixando de nos encararmos como pequenos deuses individuais, armados de ciência e técnica e cheios de nós mesmos, mas desarmados para a interrogação humilde com o que nos transcende ou se nos afigura como do domínio da transcendência.

E a aprendizagem ou a reaprendizagem de tudo isto pode ser promovida por caminhos desenhados pelas humanidades, as artes, a cultura. No fundo estou a falar de domínios paulatinamente desvalorizados, que nos foram sendo apresentados como marginais, segundos, periféricos, se não mesmo inúteis para a construção do bem comum, um bem comum redutoramente entendido como meramente material.

O convívio com estes campos do saber treina a inteligência emocional, evita que nos afogueemos no pensamento cognitivo que a escola formal insiste em sobrevalorizar, suscita a expressão integral da nossa humanidade, tornando-nos mais aptos para estarmos abertos a tudo o que é humano, o que conhecemos e o que desconhecemos, o que amamos e o que detestamos. E treina ao mesmo tempo a interpretação e consequentemente o juízo crítico.

Olhar uma obra de arte (um filme, um quadro, uma instalação), ler uma produção literária, visitar uma exposição, ouvir música constituem exigentes exercícios de interpretação que obrigam a procurar uma chave que não é previamente fornecida, conduzem ao exercício do espírito crítico. O contacto com a arte e a cultura e com os pontos de vista diversos que transportam, faculta um alargamento interior e a aquisição de novas capacidades de perceção do outro, gerando consciência inclusiva.

Quem não for capaz de sair de si mesmo para ler, ver, ouvir o(s) outro(s) nos seus diferentes modos de ler o mundo e de criar mundos alternativos ao que nos é dado; quem não exercitar a interpretação e o decorrente juízo crítico, estará pouco apetrechado para a construção do bem comum, para “sentir tudo de todas as maneiras”, para fazer a paz:

*“Sentir tudo de todas as maneiras,
Viver tudo de todos os lados,
Ser a mesma coisa de todos os
modos possíveis ao mesmo tempo,
Realizar em si toda a humanidade
de todos os momentos
Num só momento difuso, profuso,
completo e longínquo.”*

Álvaro de Campos

O que signifi
“ser de Braga

Isabel Pires de Lima
Professora,
escritora
e política

*Pensemos no bem comum...
Temos todos voz?*

Pensemos no bem comum... Conhecemos os problemas do outro?

ONDE VIVO

São Vicente

TRÊS ESPAÇOS DA CIDADE

**Theatro Circo
Mosteiro de Tibães
Bom Jesus**

Companhia de Teatro de Braga (CTB) Fundada no Porto em 1980 e desde 1984 radicada em Braga, no Theatro Circo, a CTB é um dos mais sólidos projetos de descentralização teatral saídos do processo democrático. O seu projeto artístico cruza o sempre renovado interesse pelas novas dramaturgias com a experimentação - através da sua prática teatral - sobre o grande legado dramaturgico da humanidade: os clássicos.

O MEU JARDIM SECRETO

Só os há na nossa cabeça

A MINHA COMUNIDADE

As pessoas do Teatro

AS MINHAS PESSOAS

**Pais
Filho
Neta
Amigos**

OS MEUS VIZINHOS FORA-DE-PORTAS

**Da Galiza às Espanhas,
da Lusofonia à Ucrânia,
de Itália à Rússia,
do México ou Cuba
ao Azerbaijão
ou Alemanha**

COMO ME DESLOCO

**De carro
A pé
A correr**

O MEU CAFÉ

Feito por mim à maneira turca

ALGUÉM QUE ADMIRO

**José
Teixeira**

Rui Madeira

Braga do coração



Rui Madeira nasceu em Santarém e é ator e encenador desde 1974. É o diretor artístico da Companhia de Teatro de Braga, estrutura residente do Theatro Circo, e que existe na cidade desde 1984. Com um extenso currículo ligado ao teatro, mas não só, foi administrador executivo do Theatro Circo, fez parte da primeira edição do FITEI Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica, presidiu ao Conselho de Administração da Fundação Bracara Augusta, foi diretor do jornal Correio do Minho, deu aulas na Universidade Católica, entre outras entidades e estruturas a que esteve associado ao longo do seu percurso profissional.

AS MINHAS LOJAS

**Peixarias (Braga e Caldas da Rainha)
Padarias (Braga e Portela das Padeiras)**

A BRAGA DO MEU CORAÇÃO É...

A que nos falta inventar a partir da memória, do passado, do que somos hoje e da vontade que tivermos em abrir os tais jardins secretos a todos

A INSTITUIÇÃO QUE MAIS ADMIRO

Não admiro instituições, mas as suas pessoas e o seu trabalho

**fica
ga”?**

O que é que contribui para o bem comum? Se quiseres podes partilhar connosco o resultado enviando para o info@braga27.pt



Organiza na pirâmide (da base para o topo) usando apenas sete dos seguintes valores:
Paz social Segurança Justiça Debate aberto Cooperação Sustentabilidade
Liberdade Mobilidade Confiança Educação Equidade
Saúde Bem-estar Soberania Dignidade

E em agosto?

No próximo mês aproveitamos o calor de agosto para falar de calor humano. No número seis do nosso jornal queremos perguntar-te sobre inclusão e acessibilidade. Será que somos inclusivos? Será que a nossa cidade é acessível? A rua é ponto de encontro ou caminho de passagem? Deixas sempre a porta aberta a quem contigo se cruza? O nosso quotidiano dá-nos espaço para perceber como se sentem as pessoas que nos rodeiam? Em agosto vamos falar de pontes, de diálogo e de pluralidade.

Vamos falar

Número 5
27 julho 2021

Conceção e redação
Ana Bragança
Carolina Lapa
Mariana Volz

Conceção e design
OOF Design

Fotografia
Lais Pereira

Impressão
Gráfica Maiadouro

Tiragem
3000 exemplares

Contacto
info@braga27.pt

Equipa Braga'27

Coordenação geral
Cláudia Leite

Coordenação executiva
Joana Meneses Fernandes

Assessoria e produção
Cláudia Cibrão

Assistência de relações externas
Natacha Correia

Consultoria artística
Luís Ferreira

Consultoria programa de mediação
Ana Bragança

Consultoria externa
Cristina Farinha

Coordenação de comunicação
Carolina Lapa

Assistência de comunicação
Mariana Volz

Promotores
Município de Braga
Teatro Circo de Braga, EM SA

www.braga27.pt

Somos todos iguais?